

UMA GEOGRAFIA DO MENINO - PAI DO HOMEM

Cláudio Benito Oliveira FERRAZ

Departamento de Educação da Faculdade de Ciências
e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista
(UNESP), campus de Presidente Prudente. Rua
Roberto Simonsen, 305 - Jd. das Rosas - Pres.
Prudente (SP) - 19060-900 - Fone: (18) 3227-5546 -
E-mail: cbenito@stetnet.com.br

Resumo: Esse artigo, que faz parte de um trabalho maior, objetiva discutir outras maneiras de se elaborar o pensamento e a linguagem científica da geografia, demonstrando a possibilidade de se fazer geografia a partir de experiências particulares, exemplificando com aspectos singulares e banais, além de priorizar a importância da abordagem artística como elemento a ajudar a leitura do mundo cotidiano. O espaço cotidiano é central para uma análise geográfica fundamentada na vida humana, capaz de contribuir para o melhor entendimento do mundo e não apenas dizer como é o mundo, portanto, a busca pela verdade, entendendo esta como algo definitivo e acabado, não pode ser o objetivo da produção do saber científico, mas deve-se buscar a verdade enquanto um elemento que deixe mais claro os significados diversos em que o mundo se encontra. A verdade na geografia é a capacidade de cada ser humano ler as imagens que o envolve e dar sentido paisagístico para estas, permitindo entender a lógica espacial em que está vivendo. O uso de poesias e de romances nesse artigo, permitem contribuir para melhor exemplificar o como entender a minha geografia a partir de meu filho, uma geografia comum a todos os seres, cada um com sua especificidade, mas comum a todos.

Palavras-chave: Geografia; Ciência, Arte; Linguagem; Cotidiano

Abstracts: That article is part of the larger work and aims to discuss another way to think and to write on the scientific language of the geography, demonstrating the possibility of the geography starting from private experiences, exemplifying with singular and banal aspects, besides prioritizing the importance of the artistic approach as an element to help the reading of the daily world. The daily space is central for a geographical analysis based in the human life, capable to contribute for the best understanding of the world and just not to say how the world is, therefore, the search for the truth, understanding this as something definitive and finish, it cannot be the objective of the production of the scientific knowledge, but the truth should be looked for while an element that leaves clearer the several meanings in that the world is. The truth in the geography is each human being capacity to read the images that it involves him and to give meaning for these, allowing to understand the space logic in that is living. The uses of poetries and novels in that article, they allow to contribute it goes best to exemplify how to understand my geography from my son, the geography common to all be them, each one with your singularity, but common to all.

Keywords: Geography; Science, Art; Language; Daily

“Eu sinto o coração bater mais forte Quando o arco-íris posso ver. Assim foi quando a vida começou. Assim é agora quando adulto sou. E assim será quando eu envelhecer... Senão melhor a morte! O menino é pai do homem;”(William Wordsworth)

PALAVRAS INICIAIS: EU, MEU FILHO E O MUNDO*

Refletindo sobre mim, enxergo meu filho...vacilo.

Vacilo entre as inúmeras sensações, medos e inseguranças que compõem ao Ser, ao meu Ser. Percebo muito de mim em você¹ e temo pelo quanto terá de pagar pelos meus erros. Vejo que criou um mundo belo em seus pensamentos e que provavelmente irá sofrer quando colocá-lo à prova frente ao mundo adulto. Vejo o quanto passará por frustrações entre pecados, desenganos e dor até começar a entender o que realmente está acontecendo...até realmente começar a construir seus referenciais de sobrevivência num diálogo constante, cotidiano e persistente, com o mundo em suas mais diversas formas de expressão e manifestação.

Percebo que tudo que me resta é tentar dialogar e esperar o acontecimento dos fatos; só que as coisas nunca acontecem da forma como já a vivenciamos um dia e, de modo algum, da maneira que esperamos que ocorram. Somos totalmente impotentes quanto ao futuro, apesar de sempre quisermos controlá-lo. Somos incapazes até de termos uma visão clara sobre o nosso próprio passado.

Olhando esse passado enxergo a sua presença possibilitando um balisamento em minha existência, de maneira que as coisas não se tornassem pura insolvência e, ao mesmo tempo, obrigando-me, de forma inconsciente, a me prender a determinados aspectos da vida que preferiria serem outros, mas que são estes os quais tenho que conviver de forma desafiadora e enriquecedora. No entanto, sei que você é uma vida e terá de aprender a vivê-la, de forma que eu não poderei ter controle sobre a mesma, afinal não tenho controle nem sobre a minha; só gostaria que esta não fosse tão pesada quanto as palavras e impressões aqui esboçam.

Mas por que inicio um texto sobre Geografia na primeira pessoa e abordando esse tipo de questão, tão pessoal? A resposta, se é que há uma resposta suficiente, caminha nas entrelinhas desse próprio texto, em sua forma de elaboração e apresentação de idéias. De um lado temos a crítica dos atuais parâmetros e modelos científicos hegemônicos, visando a macro análises generalizantes, na busca de uma suposta verdade definitiva a partir de conceitos encadeados logicamente, sem contradições ou conflitantes. Por outro lado existe a necessidade de se resgatar toda uma experiência geográfica cotidiana, vivenciada por todo indivíduo ao longo

da construção da singularidade de cada existência humana, mas passível de ser percebida, lida e entendida por mecanismos outros de produção de conhecimento, como é o caso da elaboração de obras artísticas.

Diante desses dois aspectos é que se acredita aqui na possibilidade de se redimensionar o discurso científico, na contribuição de uma linguagem geográfica mais próxima da vida das pessoas. Uma linguagem que não abra mão de seu aspecto contextualizador dos referenciais espaciais, mas que não se imponha à realidade em nome da exclusividade da lógica discursiva em si, pelo contrário, que seja elaborada perante as próprias condições em que o viver humano se constrói, com sua diversidade de sentidos e silêncios. Aqui apenas apresentamos um rápido exemplo particular de como isso pode ser possível.

UM ROMANCE, UM POEMA E A VIDA

Para uma geografia que parta da situação de estar mergulhada no próprio ato de viver, a busca de referenciais artísticos pode muito contribuir na edificação de elementos explicativos e parametrizadores de entendimento da ordem espacial da vida.

Nesse sentido, podemos buscar num livro, um grande livro de Marcel Proust, que conta a história de uma vida, de uma série de vidas que se entrelaçam na existência de um homem que, ao mesmo tempo que é um sujeito em sua singularidade e individualidade, pode ser entendido como a universalidade da existência humana, os elementos necessários para esboçar uma geografia da vida cotidiana.

O tema do citado livro, refere-se à vida de uma pessoa, desde sua infância prenhe de fantasias e sonhos, até tornar-se adulto e aprender a conviver com as perdas, com toda espécie de perda: a da pureza e inocência de criança quando descobre que a vida é cheia de sordidez e pecados; a de pessoas próximas via mudanças do destino ou pelo chamado da morte; a da beleza e da força física quando a idade avança e percebemos que os nossos pais não têm condições de fazer as mesmas tarefas que acreditávamos ser realizadas somente por eles; a perda da esperança na paz por causa das guerras entre os homens, seja entre nações, seja entre os companheiros de trabalho; a perda da transparência do amor por causa do ciúme doentio ou pela traição e alienação sexual; a perda das lembranças do passado, cada vez mais ofuscadas pelas questões práticas do presente ou da necessidade de garantir um controle sobre o futuro².

Por isso Pedro, meu filho, que toda a dor, toda a mentira e sordidez da vida devem ser entendidas como elementos intrinsecamente relacionados à nossa capacidade de aprendermos viver e produzir uma existência possivelmente mais

rica e dinâmica em sua diversidade. Esse fundamento artístico, tão presente em nosso cotidiando, que vem de forma involuntária toda vez que resgatamos nossas paisagens mentais, por nós vivenciadas ou não, é que deve ser melhor entendido e potencializado por cada um de nós, pessoas existindo cotidianamente. Assim, a vida sendo dor e melancolia torna-se suportavelmente potencializadora de criação e de aprofundamento do sentido de existência, como num poema.

“No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, Eu era feliz e ninguém estava morto(...). No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma, De ser inteligente para entre a família, E de não ter esperanças que os outros tinham por mim. Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças. Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

“Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo(...)O que fui – ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...A que distância!...

“O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa, Pondo gelado nas paredes... O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das minhas lágrimas), O que eu sou hoje é terem vendido a casa, É terem morrido todos, E estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio

“(...)Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui... A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça, com mais copos, O aparador com muitas coisas(...)As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa

“Para, meu coração! Não penses! Deixa o pensar na cabeça! Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus! Hoje já não faço anos. Duro. Somam-se-me dias. Serei velho quando o for. Mais nada”³.

É um poema triste e ao mesmo tempo incrivelmente belo. A partir dele podemos melhor entender como a vida pode passar sem nos darmos conta do quão importante são todos aqueles momentos tolos, com seus detalhes à época vivenciados de maneira não significativa.

Caso não conseguirmos elaborar formas de melhor contextualizar a riqueza do aprender a viver, criando e recriando os sentidos das coisas, por mais banais que estas apareçam, qualificando humanamente as imagens que guardamos e projetamos dos lugares, objetos, fenômenos e pessoas com que nos relacionamos direta ou indiretamente, correremos o risco de chegarmos ao fim da vida e só percebermos que estamos durando apenas, como se a chama da juventude se apagasse e notássemos que era apenas fogo em um mísero palito de fósforo, restando apenas recordações tristes e fragmentadas de um suposto passado heróico

porque ingênuo, totalmente destruído perante as frustrações e decepções que a vida, em sua falta de sentido, colocou.

Para não cairmos numa visão tão decepcionante da vida devemos buscar uma melhor compreensão do que ela é em sua diversidade, não apenas idealizando o passado e muito menos se iludindo com uma idéia delimitada e abstrata de futuro, mas buscar entender que depende de nós elaborarmos uma leitura mais rica da espacialidade em que a existência humana se fundamenta, para que no final não sejamos apenas “umidade no corredor no fim da casa, pondo gelado na parede”.

Mesmo correndo o risco de venderem nossas referências espaciais, assim como destruírem os lugares em que demarcamos nossa aprendizagem de vida nos quais definimos nossos gostos, opiniões, valores e idéias, substituindo-os por outras demarcações físicas no território, não podemos nos colocar como marionetes no jogo do destino, como se essa ação destruidora do tempo não fizesse parte do viver concreto do homem no mundo.

Caso insistirmos numa postura alienada da diversidade da vida, quando o anjo da história consolidar sua amarga tarefa, ficaremos hipocritamente chocados, como que traídos por algo incompreensível, e nos prostraremos como injustiçados por termos chegado ao outono da vida com nossas ingênuas ilusões totalmente arruinadas, restando tão somente um acúmulo de perdas e frustrações numa velhice vazia, de uma vida de memórias esburacadas, de imagens desconexas a atormentarem o sobrevivente.

Para não cair nesse angustiante turbilhão de fragmentos imagéticos é que peço a você Pedro para pensar nas experiências elaboradas por tantos seres humanos exemplares, verídicos ou não, como seu avô Benedito, pelo personagem principal do romance de Proust, entre outros, e de como eles buscaram uma compreensão geográfica dessas imagens soltas, visando interagi-las com outras, com lugares de escalas diferenciadas no tempo e no espaço, erigindo sentidos para além dos que foram impostos às suas vidas, ampliando os parâmetros físicos dos mesmos, assumindo criticamente os limites humanos próprios.

Perante estas buscas, críticas e experiências, a possibilidade de se entender a vida de forma mais ampla, para além das dores e frustrações torna-se viável, numa espécie de elaboração artística de significados espacialmente expressos nas paisagens, as quais dão sentidos àquelas imagens que envolvem todo o criar e o recordar da existência de cada um de nós.

Sei que você é muito novo agora para compreender toda essa leitura feita do poema que Fernando Pessoa escreveu em idade madura mas, como ele, como eu e como todos os homens, você um dia terá a possibilidade de entender. Terá condições de perceber o significado das paisagens concentradas em detalhes de imagens

como os desenhos das loiças postas sobre a mesa, do brilho translúcido dos copos em que bebia os sucos elaborados pela avó, da textura irritante dos tecidos das cadeiras em que sentava para almoçar, do dia em que tirou aquela foto abraçado com seu brinquedo novo e de como seu peito saltitava de alegria e júbilo, dos lugares que visitou com seu tio e do frio que sentia ao descobrir os nomes dos mesmos, o cheiro das casas nas quais entrava para brincar com as crianças da vizinhança etc.

Com o passar dos anos, esse amontoado de imagens e emoções soltas a partir de experiências corriqueiras praticadas nos diversos lugares que habitou, percorreu ou sonhou, irá te levar à recordação de outras que expressam outros espaços e tempos nos quais a vida era como a sua hoje, em que o dia de aniversário era uma festa, em todo seu esplendor, e não mais uma data em si, que apenas faz da vida um somatório de dias entediantes e pesados.

Para dar um entendimento possível a esse turbilhão de imagens e emoções, você não poderá entregar-se ao comodismo da vida como esta a nós foi limitada, daí buscar a geografia de leituras de significados desta espacialidade, e isso significa ir além da idealização em si do passado, do presente e do futuro, idealização geradora da profunda decepção que geralmente ocorre quando essa ilusão se choca com o mundo em sua crueza e diversidade, como o relato do poeta deixa transparecer quando implora a não querer pensar mais com o coração.

Você um dia entenderá o porquê do poeta ficar com raiva por “não ter trazido o passado roubado na algibeira!...”, mas, mais que se inebriar com o belo jogo de palavras que produz um prazer estético advindo da identificação de sentimentos de frustração e de nulidade do Ser perante os ocasos da vida, fruto de um comodismo de quem apenas se revolta mas se cala, você poderá buscar uma contextualização dessa frustração, dessas recordações, no sentido de catapultá-las para demarcar sua existência de forma mais rica e profunda. Nesse sentido, a raiva advinda do passado roubado potencializará a aquisição de um presente constantemente crítico e criador de futuros profundamente humanos, espacializando a riqueza do existir em sua amplitude máxima possível.

Frente a esta possibilidade, toma-se o poema não apenas como catarse para aliviar a ressequidão na qual a vida pode se transformar quando perdemos a esperança de encontrar um sentido para ela. Para não cair nesse estreito caminho de desilusão, deve-se geograficamente ler o sentido da vida enquanto arte, enquanto potencial criador e recriador da existência humana, percebendo que a dor faz parte desta, mas não é fugindo ou negando a sua presença que a vida será melhor, pelo contrário, é integrando os aspectos negativos do viver que se pode existir humanamente, potencializando a riqueza de ser integralmente humano⁴.

OS ELEMENTOS SE ENTRELAÇAM: O MENINO É PAI DO HOMEM

Não é sendo eternamente criança que seremos permanentemente felizes enquanto humanos, pois ser humano é uma evolução, e ser criança é apenas uma etapa deste processo. Mas sabendo identificar o sentido de deslumbrar-se com o mundo, de saber apreciá-lo em sua diversidade como uma criança maravilha-se ao ver o arco-íris, poderemos desenvolver uma aprendizagem que temos de saber exercitar.

Assim teremos a capacidade de, com a idade, acumularmos um depósito de recordações de nomes, lugares, pessoas e objetos, além de inúmeras sensações que permitirão resgatar o passado, contextualizá-lo e recriar ao mesmo para aquilo que nos interessa no presente, permitindo sentir as coisas que nos rodeiam em sua intensidade fantástica, como uma criança sente o seu mundo, mas não mais nos restringindo ao maravilhoso em si, mas partindo dele para qualificá-lo melhor com nossa capacidade de análise e crítica teórica. Aprender com a criança para ser adulto.

É neste sentido que o “menino é pai do homem”, pois todo adulto, para ser completamente humano, teve que ser criança, e as experiências daquela fase contribuem para o seu ser homem porque estas vêm carregadas de fantasia, de imaginário, de recriação dos fatos, fazendo destes não meros nomes em si, meros objetos vazios, mas como a criança no romance de Proust, que imaginava uma Balbec muito mais bela e intensa de vida, ou como a criança do poema de Fernando Pessoa, que não entendia seu aniversário apenas como uma data a mais, mas como uma festa que unia as pessoas como uma espécie de religião. Enfim, é preciso, com a idade, aprender a resgatar essas sensações que fazem da vida uma força mais bela em sua totalidade, diversidade e contradições.

Saber resgatar o sentido de maravilhamento perante as coisas quando se era criança, aprendendo com os erros, ingenuidades e fantasias dessa fase, permite ao adulto construir o sentido da vida, um sentido que não se esvazia com o tempo, apesar de tudo corroborar para a ressequidão da idade, mas que preserva o mistério das coisas, que faz “o coração bater mais forte” e não permite ao mesmo adulto se acomodar e nem se curvar frente às desilusões, mas sim que busque o constante caminhar na reconstrução da espacialidade enquanto indivíduo vivendo em sociedade⁵.

Esse é o sentido da epígrafe aqui colocada no início deste capítulo. Pois, apesar da amargura do poeta em relação a vida, como se identifica no poema de Fernando Pessoa, ainda assim é possível conseguir o resgate da beleza da vida. Mesmo com toda a dor e desilusão, o poeta aponta para o resgate de seus tempos de infância, que não estão perdidos, mas sim presentes em sua memória.

A dor que constata ao comparar o mundo de sua infância com a sua vida de adulto advém da decepção para com a perda da pureza daqueles momentos

quando postos à prova em relação a realidade do mundo; no entanto, a resposta é por ele mesmo apontada ao resgatar o passado: este não pode ser um amontoado de nomes, lugares e pessoas presos numa miríade de imagens perdidas no tempo e espaço, que só existem numa memória estilhaçada em meio aos fragmentos, pois se esta não se abrir para a mais ampla realidade e buscar a unidade de entendimento em meio a diversidade de experiências, acabará sendo esquecida, corroída pelo tempo que a tudo destrói, como aponta Proust.

Resgatar essa memória dos tempos em que, por exemplo, o aniversário era comemorado com a “saúde de não perceber coisa nenhuma” significa que esse mundo existiu e que pode continuar existindo, mas desde que tenhamos sempre presente a nossa capacidade de ler geograficamente as imagens que representam aquele fato e momento. Se antes não percebíamos coisa alguma, hoje temos condições, enquanto adultos, de perceber, não como mero saudosismo mas sim como resgate de um potencial de vida mais rica que deve ser transformado em ato, e isso só é possível transformando aquelas imagens em paisagens pertinentes de leituras e sentidos, não mais reduzidas a meras fantasias, mas sem abrir mão destas, buscar o contexto social e histórico que fazem delas uma expressão da vida em dada lógica espacial.

Assim, quando relacionarmos nossas paisagens, imaginárias ou não, com o mundo, estaremos mais preparados para as decepções que daí decorrerão e teremos melhores condições de voltarmos a recriar novas paisagens ao constantemente recriarmos nossa vida em sua espacialidade. Por isso a epígrafe insiste em dizer sobre o coração bater forte, desde quando se é criança até quando se envelhece, pois se isso não ocorrer é melhor não existir e se afundar no total esquecimento.

O entrelaçamento da epígrafe com o poema e as idéias aqui esboçadas de Marcel Proust, permite-nos melhor entender que o adulto deve ter como referência o seu ser criança, pois tomando o menino como pai do homem, este poderá ensinar o adulto a resgatar de suas memórias os sentidos que a vida foi eclipsando conforme a idade e as experiências acumuladas dolorosamente.

Esse resgate permite fazer dessa memória um horizonte possível de ser relacionado com o mundo na qual está inserida, contribuindo para recriar o sentido deste, tornando-o passível de ser vivido de forma mais consciente e criativa, fazendo do ser humano uma existência intensa em sua plenitude e contradições, uma verdadeira obra de arte⁶.

Nesse sentido vejo muito de mim em meu filho. Pois ele permite perceber como eu era. Por isso entendo esse menino como pai deste homem que vacila e teme a dor que um dia ele irá percorrer, pois já passou por isso; mas por não querer fazer da vida apenas uma duração em que os dias se somam, apesar da insegurança e das dúvidas, consigo olhar para o meu filho e ver que ainda posso

viver e buscar os ricos desafios da minha passagem pelo mundo. Essa paisagem concentrada que é meu filho resgata a minha memória pessoal e torna possível minha existência, assim como acredito que ele há de tornar possível a sua quando for um homem adulto, num espaço e num tempo que ainda está se construindo.

Para melhor exemplificar o que está querendo aqui pontuar, faço uso de um caso ocorrido envolvendo meu filho, a mim, um cachorro e um amigo morto.

Numa noite, quando Pedro mal tinha feito três anos de idade, ele chegou a mim e perguntou o porquê da minha tristeza, ao que respondi que um grande amigo meu acabara de morrer. Não sabendo direito o que vinha ser a morte, tentei explicar-lhe que era uma partida de pessoas queridas que nunca mais poderíamos ver. Aí ele perguntou: “Mas para onde vão?”. Eu parei e pensei no que ia dizer. Peguei-o no colo e fui à varanda do apartamento, apontei para o céu cheio de estrelas e falei que as pessoas ao morrerem deixam de existir aqui e vão para o céu e se transformam em uma estrela, para que quando sintamos saudades possamos olhar para elas e recordar os momentos que passamos juntos.

Muitos anos depois, quando Pedro já tinha mais de 7 anos, também numa noite estrelada, ele chegou todo triste para mim e me perguntou: “Pai, qual daquelas estrelas é a do Abelardo?” Fiquei olhando para ele tentando compreender sua pergunta. Ao olhar para o céu veio-me involuntariamente o cheiro, as cores e as imagens daquela noite de muitos anos antes. Comecei a entender o que ele queria. Alguma coisa o fez também recordar de um cachorro que chamávamos de Abelardo e que havia morrido na mesma época de meu amigo e, Pedro, tantos anos depois, queria olhar para a estrela que era o seu cão para matar a saudade do mesmo, para poder falar e brincar com ele.

Fiquei refletindo sobre este fato durante muito tempo, pensando em como Pedro havia dado um sentido realmente humano e belo para um mero jogo de palavras que eu elaborara já havia algum tempo. Percebi que o gesto dele tornara a vida mais suportável para si mesmo e que esse fato era realmente de uma beleza indescritível. Vi que o sentido da recriação que ele fizera de minhas palavras vazias retornava para mim como uma riqueza de sentido para a qualificação de minha própria existência.

Percebi que a dor, a tristeza, assim como a alegria e o prazer, são sentimentos efêmeros e passageiros, não podem se enrijecer em nossa vida, pois, caso isso ocorrer, tornamo-nos seres melancólicos, que simplesmente não vivem a vida com suas doses concretas de amargura e felicidade por se ficar preso a um passado idealizado em si, ou acreditando numa abstração ilusionista de futuro esplendoroso.

E eu, como o Pedro, quero viver, não no sentido simplista que se opõe mecanicamente à morte, mas no sentido de perceber e vivenciar o mundo em sua riqueza, indo além e aquém do sentido meramente cru ou idealizado de realidade,

mas recriando a compreensão desta a partir de nossa humana capacidade de gerar e se embrenhar na construção dos fatos e fenômenos da vida, com seus momentos de angústias e alegrias, realizações e decepções.

Ao buscar melhor entender o sentido desta experiência, resgatei de um outro livro de Marcel Proust, no seu romance inacabado **Jean Santeuil**, que serviu de base para sua obra maior, uma argumentação que visa estabelecer um caminho possível para que o ser humano consiga sobreviver e superar esse peso do mundo, demonstrando que para isso o mesmo depende apenas de outro ser humano, ou seja, de trocar palavras e emoções de forma que através do diálogo, ou então pelo silêncio de gestos e olhares, as experiências vivenciadas sejam recriadas e enriquecidas mutuamente.

“Como a vida ficou sombria e ansiosa então para o pobre Jean. Não sabia fosse possível uma troca de lugar e o futuro lhe aparecia obscurecido até o fim por seus terrores. Muitas vezes o que pesa sobre nós com o peso esmagador das ansiedades imaginárias, e às vezes também com a carga penosa de sofrimentos reais, pode ser desviado com uma palavra que nada custa a quem a pode proferir. Mas precisamente porque não lhe custa nada, porque é coisa insignificante em sua vida, ele a transfere para o dia seguinte, esquece, ou julga pouco urgente pronunciá-la”⁷.

São exatamente essas coisas mais corriqueiras e banais, que por assim serem acabamos nos esquecendo de quão importantes elas podem ser para se edificar uma existência, potencializadoras do necessário diálogo e de trocas de experiências que permitem a vida ser vivida de forma mais plena e intensa.

Aprendi o sentido dessas palavras quando, olhando o meu filho e refletindo sobre o meu passado, sobre minha infância, compreendi que o menino já havia apresentado a resposta para o homem que eu queria ser, ou seja, valorizar e recriar as pequenas coisas da vida, assim como ocorre quando se é criança e sente o coração bater mais forte ao ver o arco-íris, mas de maneira a não ficar no deslumbre em si, mas partindo dele para enriquecer a leitura e o diálogo com o mundo presente, tendo coragem de intervir na construção de um futuro não preso mais ao desconhecido porque mutuamente experimentado e refletido em suas possibilidades por tantos outros indivíduos e personagens.

UMA VELHA GEOGRAFIA DE TODOS OS FILHOS E DE TODOS OS PAIS

Essa geografia é a que procuro melhor entender, pois é esta que identifi-
co na vida de todas as pessoas. Essa geografia que não reduz o real a apenas concei-
tos frios; uma geografia que não transforma a vida em uma mera descrição insossa

a partir de uma análise objetivamente precisa e estéril de relações restritas à coerência conceitual; uma geografia que não faz da vida apenas uma paisagem empobrecida em suas partes cartografáveis, mas sim uma geografia que busque o sentido da vida humana enquanto labuta diária, preche de imaginário, vivência, fantasia, mentiras e verdades, aparências e essências que se integram na busca da existência humana como na elaboração de uma obra de arte.

Essa geografia, portanto, fundada na produção do próprio existir, toma a paisagem em seu sentido mais artístico como forma de leitura do mundo que a ciência pode realizar. Uma análise que não é exclusividade científica, mas que pode contribuir para tal.

É claro que o conhecimento científico pressupõe elementos gerais que sirvam de parâmetros e guias que direcionem e objetivem a evolução do saber humano. Uma postura restrita a paisagens imaginárias de cada indivíduo se perderia num mar de fragmentos que inviabilizaria uma unidade do saber.

No entanto, para discutir tal questão é preciso entender a necessidade de abertura do saber científico para que este não fique restrito a cânones que o distanciam da vida, portanto, é necessário compreender que o seu discurso terá que passar pela criatividade e recriação de leituras sedimentadas em cada vida particular. Por outro lado, existem elementos comuns nessas experiências individuais que permitem o diálogo e o entendimento das mesmas pelos seres humanos em geral, e é nesse ponto que o conhecimento científico deve se aprofundar, mas, para tal, deverá redimensionar sua pré-concepção de verdade sobre os fenômenos e fatos abordados.

No caso de um conhecimento dito científico como o da geografia, a produção da paisagem como fruto da memória e das experiências individuais permite uma identificação de como os homens constroem e lêem o espaço de sua época, isso aponta para a necessidade de se buscar elementos teóricos que permitam entender a lógica deste processo, mas isso não pode ser a partir de uma idéia a priori de verdade a ser atingida, e sim de se buscar em meio a diversidade das coisas a unidade espacial que permita parametrizar os caminhos e leituras possíveis. Mas qual a unidade lógica desta leitura? O olhar com a contribuição da arte pode ajudar nesse entendimento.

Nesse ponto é que se encerra este artigo. A partir de tudo o que foi falado, comentado, exemplificado, só consigo inferir que posso me entender melhor quando hoje olho para o meu filho e consigo enxergar mais amplamente o meu passado, identifico a criança que fui na criança que ele é e vislumbro possibilidades futuras para o meu Ser e para o dele exatamente na interação de nossos espaços e tempos de vida, aprendendo e buscando o sentido de unidade necessária para nos tornarmos seres adultos, humanos e, portanto, falhos.

Entre a singularidade humana que é você Pedro e eu, estabelece-se a unidade em meio as nossas especificidades e diversidades, assim como ocorre entre todos os indivíduos humanos, ou seja, todos nós só vivemos na interação tempo/espacial e é perante essas condições que os determinantes sociais, econômicos, políticos e culturais que em cada época e lugar dão o tempero de como construímos e valorizamos nossa espacialidade, elaboram os referenciais comuns que nos identifica enquanto humanos, demasiadamente humanos.

Ansiamos por uma existência material melhor, por um futuro mais respeitoso e digno, por condições de vida mais satisfatórias, mas sempre erramos e falhamos em nosso caminhar, nossas opções nunca são integralmente perfeitas, sempre algo fica para trás, sempre algo a nos frustrar permanece. Diante dos limites que somos, as condições espaciais vivenciadas demarcam nossa memória com paisagens de detalhes, de nomes, de lugares, de fatos e fenômenos, delimitando assim os referenciais futuros com que construímos nosso mundo e nossa existência.

Resta-nos apenas a experiência a ser passada para as gerações futuras como forma das condições espaciais com que construirão suas vidas sejam, se não melhores, pelo menos outras. Eis a unidade espacial da vida humana, ou seja, a geografia com a qual lemos nossa existência.

A essa altura de minhas interrogações, o melhor é finalizar esse texto com a poesia em prosa de Vinícius de Moraes, **Pedro, Meu Filho**, como forma de qualificar minhas dúvidas e esperanças em relação ao espaço da vida humana, que percebo em mim através de meu filho, assim como de pontuar a pertinência da arte como contribuição ao enriquecimento do olhar científico da geografia.

“Como eu nunca lutei para deixar-te nada além do amanhã indispensável: um quintal de terra verde onde corra, quem sabe, um córrego pensativo, e nessa terra, um teto simples onde possas ocultar a terrível herança que te deixou teu pai - a insensatez de um coração constantemente apaixonado(...).

“E sendo que reconheço nos teus pés os pés do menino que eu fui um dia, em frente ao mar; e na espereza de tuas plantas as grandes pedras que garimpei e os altos troncos que subi; em tuas palmas as queimaduras do Infinito que procurei como um louco tocar(...).

“E minha vida, mais que ser um templo, é uma caverna interminável, em cujo recesso esconde-se um tesouro que me foi legado por meu pai, mas cujo esconderijo eu nunca encontrei, e cuja descoberta ora te peço(...).

“Como as amplas estradas da mocidade se transformaram nestas estreitas veredas da maturidade, e o Sol que se põe atrás de mim alonga a minha sombra como uma seta em direção ao tenebroso Norte(...).

“E amordacei minha boca para que não gritasses e ceguei meus olhos para que não visses; e quanto mais amordaçado, mais gritavas; e quanto mais cego, mais vias(...).

“E assim como sei que toda minha vida foi uma luta para que ninguém tivesse mais que lutar:

“Assim é o canto que te quero cantar, Pedro meu filho...”⁸

Graças a você, Pedro, meu filho, eu posso dizer hoje que estou trilhando meu próprio espaço, mais consciente dessa velha geografia a ser resgatada por uma nova linguagem científica, a envolver todos os homens, com todas as dúvidas e certezas claudicantes.

NOTAS

* Este artigo faz parte de meu trabalho de pós-doutorado **Uma Velha Geografia - espacialidades diferenciadas da vida humana**, sendo que o mesmo foi apresentado com uma outra concepção na comunicação coordenada **Linguagem Geográfica: velha geografia e novas abordagens**, no interior do X EGAL.

¹ A título de esclarecimento, visando ser coerente com a idéia de circularidade e pluridimensionalidade desta redação, mas ciente que essa postura pode confundir o leitor ou leitores mais preocupados com uma dada retilinearidade discursiva, informa-se aqui que o emprego dos pronomes “você”, “sua” e “seu” fazem referência ao meu filho Pedro e não necessariamente ao leitor, apesar de que o duplo sentido faz parte das intenções implícitas no transcorrer deste texto.

² Logo no começo de **No Caminho de Swann**, primeiro dos sete volumes que compõem o seu **Em Busca do Tempo Perdido**, o personagem principal do romance, que só é denominado duas vezes ao longo de toda a obra, Marcel, volta a Combray de sua infância, revê sua casa e pensa em seus pais e nos detalhes profundos e superficiais, alegres e tristes, únicos e banais que vêm à tona. *“A parede da escada onde vi subir o reflexo de sua vela, há muito já não existe. Em mim, tantas coisas foram destruídas, coisas que eu julgava fossem durar para sempre, e se construíram novas, dando origem a penas e alegrias novas que eu não teria podido prever então, assim como as antigas se tornaram difíceis de compreender. Também há muito tempo, meu pai deixou de poder dizer a mamãe: ‘Vai com o menino.’ A possibilidade de semelhantes horas nunca mais renascerá para mim. Porém, desde algum tempo recomeço a perceber muito bem, se apuro os ouvidos, os soluços que então consegui conter na presença de meu pai, e que só rebentaram quando fiquei a sós com mamãe. Na verdade, eles nunca cessaram; e é somente porque a vida se vai agora emudecendo cada vez mais a meu redor que os ouço de novo, como os sinos do convento que parecem tão silenciosos durante o dia por causa dos barulhos da cidade que os julgamos parados, mas que voltam a soar no silêncio da noite”*(1992, pg. 49).

³ Este belíssimo poema escrito por um dos heterônimos de Fernando Pessoa, Álvaro Campos, chama-se **Aniversário** e consta da **Obra Poética** do poeta português, 1986, pp. 379-380.

⁴ Ainda tendo como referência a obra monumental de Marcel Proust, uma outra análise crítica reforça mais essa interação entre arte e vida. O próprio Proust afirma que o leitor, ao acabar de ler um livro, não é leitor senão de si mesmo, e Lília Ledon da Silva esclarece que, ao acabar a história de **Em Busca do Tempo Perdido**, o narrador “começará a

escrever este mesmo romance que já chegou ao seu término por ter chegado ao seu início: onde começa a termina a arte – todas elas, em sua essência? No aquém e no além de todos os quadros ‘reais’, isto é (in)imagináveis, de todos os Elstir ‘reais’, isto é (in)imagináveis, graças a e apesar da maneira com fomos levados a escrevê-los ou a lê-los. Basta procurar senti-los em sua consonância com o absolutamente universal: a criação, a vida. Até que cheguemos (ou não) um dia a instrumentos de medição para todo este pulsar uno e único, sempre perdido e sempre reencontrado” (**Da Síntese Perdida à Síntese Reencontrada – a proliferação do pictórico no romance proustiano**. (1992, pg. 14). Esse pulsar é exatamente a vida em sua beleza prenhe de contradições e diversidades, no qual o tempo provoca o esquecimento de seus valores, mas exatamente esse esquecimento permite que a memória involuntariamente os reencontre.

- ⁵ O referencial filosófico destas idéias encontra-se em Walter Benjamin, notadamente em seu **Infância em Berlim**, vide Bibliografia.
- ⁶ No árduo livro de Michel Guérin, **O Que É uma Obra?**, o autor tenta estabelecer uma compreensão da elaboração de uma obra de arte como fruto de uma série de acúmulos de coisas banais, detalhes insignificantes, pequenos nada captados e experimentados pelo artista no transcorrer de sua vida. A referência de Guérin é exatamente a obra de Marcel Proust, o que torna a metáfora da criação artística totalmente aplicável para a produção da vida em sua beleza a partir dos mesmos pressupostos. “*A resolução de lançar-se verdadeiramente à obra pressupõe, assim, uma longa preparação, como se a própria vida, aguçando nossa sensibilidade a essas sensações indecifráveis e no entanto marcadas pela necessidade, tivesse decidido por nós e antes que nossa consciência se desse conta, como se a própria natureza nos colocasse ‘no caminho da arte’ e nos comunicasse o sentido da ‘metáfora’ ao nos permitir ‘conhecer, com freqüência, a beleza de uma coisa apenas em uma outra’*” (1995, pg. 51).
- ⁷ 1982, pg. 162.
- ⁸ In: **Poesia Completa e Prosa**. 1986, pp. 567 - 568.

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, W. (1993 - 1994). *Obras Escolhidas*, 3 volumes. São Paulo, Brasiliense, 711p.
- FERRAZ, C. B. (2002). *Geografia e Paisagem - entre o olhar e o pensar*. Doutorado em Geografia, São Paulo, FFLCH/USP, 390 p.
- GUÉRIN, M. (1995). *O Que É uma Obra?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 151 p.
- MORAES, V. (1986). *Poesia completa e Prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 830 p.
- PESSOA, F. (1986). *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 846 p.
- PROUST, M. *Em busca do Tempo Perdido*, 7 volumes. São Paulo, EDIOURO, 1992.
- PROUST, M. (1982). *Jean Santeuil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 745 p.
- SILVA, L. (1992). *Da Síntese Perdida à Síntese Reencontrada – a proliferação do pictórico no romance proustiano*. Revista TEMA, 17 (ago-dez.): 7-14. São Paulo, IETEMA.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

REVISTA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA

www.unioeste.br/saber